

'Pombo', de presidiário a poeta

Com apenas 20 anos, Agostinho Figueira foi condenado a 16 anos de prisão, da qual conseguiria escarpá-lo por três vezes. Atrás das grades o 'Pombo' descobriu a sua verdadeira vocação: a poesia.

Texto // Erica Franco

efranco@dnoticias.pt

“Agostinho Figueira foi um jovem rebelde que saiu muito cedo da casa dos pais e envolveu-se no submundo do tráfico de droga, o que o levou à prisão com apenas 20 anos de idade”.

É assim que Agostinho Figueira, 52 anos, mais conhecido pela alcunha de 'Pombo', começa a narrativa da sua peculiar história de vida.

À primeira vista uma figura pitoresca e bonacheirona, que vai desafiando rimas de improviso em catadupa, a verdade é que o Pombo é uma espécie de Arsène Lupin [célebre protagonista das aventuras do escritor francês Maurice Leblanc] madeirense.

Condenado a 16 anos de prisão e três vezes foragido do cárcere, Agostinho encontrou na poesia um escape nos tempos de reclusão e uma oportunidade para começar uma nova vida quando saiu em liberdade, o que só aconteceria definitivamente em 2016.

Em 2017, editou o seu primeiro livro, intitulado 'Pombo Sobrevoa', onde relata “as mágoas e traumas que naquele tempo viveu de forma enclausurada”.

Mais recentemente, resolveu converter os seus poemas em músicas. 'Jovem Rapaz' é o primeiro videoclipe (partilhado no YouTube em Janeiro) de um CD que espera ver gravado ainda este ano.

À D7 o Pombo recorda os tempos em que cantava no pátio da prisão: “O Agostinho está a ficar maluco aos anos que está preso!”, troçavam os companheiros. “Ninguém acreditava” que algum dia seria escritor, mas isso não o demoveu. “Eu continuava sempre na minha, sabia aquilo que



'Pombo Sobrevoa' é o título do livro de Agostinho Figueira, editado pela Chiado Editora, em 2017

queria”, reitera.

Nem só da realidade dura da cela e dos anseios de liberdade falam os poemas de Agostinho. No seu livro encontramos também versos dedicados a Cristiano Ronaldo e vários “poemas para conquistar”. Além de tudo, o Pombo é um romântico!

Foi precisamente uma professora do estabelecimento prisional, a quem Agostinho escrevia estes poemas de amor, a primeira a incentivá-lo a publicar o seu livro.

Assim que foi publicado, resolveu dar uma resposta a todos aqueles que tinham duvidado dele e ofereceu um exemplar à biblioteca de cada estabelecimento prisional por onde passou.

Agostinho descobriu atrás das grades a vocação que hoje em dia lhe permite ser um homem livre. Uma reintegração de outra forma nada fácil.

“A gente quando está dentro de uma prisão muitos anos chega-se cá fora e é um bocado difícil entrar na sociedade. Ao longo dos anos vamos perdendo as amizades e os familiares (...) cá fora o apoio é zero”, confessa.